

Para a formação do futuro profissional, a universidade não pode considerar que o sujeito central do desenvolvimento seja a mercadoria ou o mercado, muito menos o capital ou o setor privado ou o estado, mas a sua ação é educar o ser humano, nas suas relações interpessoais, e no cuidado com os demais seres vivos nas suas múltiplas dimensões.

Aspecto pedagógico da extensão

Vicente Paulo Alves*

Baseado nesta premissa é que podemos falar que a extensão tem um aspecto pedagógico, que vale a pena abordar e refletir. De uma certa forma, isso nos permite afirmar que se compreende o desenvolvimento integral quando ele é centrado no ser humano, articulando democracia participativa com educação humanizadora. Uma educação que queira ser integral, precisa ter um processo pedagógico permanente que abranja a todos os cidadãos em suas várias dimensões e que vise educá-los no exercício democrático, no campo pessoal e no campo das relações sociais.

O aspecto pedagógico da extensão consiste, fundamentalmente, em dialogar com o educando sobre situações concretas, dando-lhe instrumentos para que ele mesmo construa o seu conhecimento e sua educação. A educação não é uma doação ou uma imposição, mas ela vem de dentro para fora, uma ação do próprio educando, que encontra no educador alguém que colabora

com sua aprendizagem. Este processo de humanização passa pelo educando, possibilitando que homens e mulheres tornem-se mais conscientes de si próprios, de sua forma de atuar e de pensar, com possibilidade de desenvolver as suas capacidades e potencialidades.

O diálogo como base fundamental

A extensão considera o diálogo uma exigência existencial, que possibilita a comunicação e permite ultrapassar o imediatamente vivido. Ultrapassando suas “situações-limites”, o educador-educando chega a uma visão totalizante do contexto. Paulo Freire nos indicava isso com a expressão “pedagogia da liberdade” como prática educativa que só pode alcançar a efetividade e a eficácia na medida da participação livre e crítica dos educandos. O trabalho do professor ou coordenador, nesta prática educativa, consiste, fundamentalmente, no diálogo, condição essencial de sua tarefa, coordenando, mas jamais impondo aos alunos sua visão de mundo. O respeito à liberdade dos educandos é componente essencial a esta prática educativa. O uso da linguagem conhecida pelos alunos, carregada de experiências vividas são decisivas para a aprendizagem e os novos conhecimentos.

“Poderíamos dizer com Freire que são ‘palavras geradoras’, que levarão a novos horizontes de descobertas, por meio da discussão. Discussão significa que a palavra jamais pode ser vista como um ‘dado’ (ou uma doação do educador ao educando), mas é essencialmente um tema de debate para todos os educandos”.¹

O diálogo nos remete imediatamente a outro aspecto, o qual precisamos ponderar, é a participação democrática, que aperfeiçoa o convívio social de forma transparente.

A participação democrática

A educação integral capacita e forma o ser humano para gestar uma democracia aberta, sociocósmica e um desenvolvimento que garante uma sociedade sustentável. No dizer de Leonardo Boff “a educação integral capacita

* Doutor em Ciência da Religião na Umesp, coordenador do Projeto Identidade e professor de Ciência da Religião na UCB.

¹ Francisco C. WEFFORT (Prefácio). Paulo FREIRE. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996, 22. ed., p.21.

e forma o ser humano para gestar uma democracia aberta, sócio-cósmica e um desenvolvimento que garanta uma sociedade sustentável. Tal como o Estado, as Universidades possuem uma enorme dívida social para com o povo brasileiro, especialmente pobre e marginalizado”.² As universidades não podem ser reduzidas a macroaparelhos de reprodução da sociedade discriminatória e as fábricas formadoras de quadros para o funcionamento do sistema capitalista selvagem.

Os teólogos da libertação haviam inaugurado uma nova aliança entre o pensamento mais crítico e atualizado com a miséria mais atroz do povo brasileiro. As universidades estariam, então, envolvidas em buscar um enraizamento orgânico com a periferia, com as bases populares e com os setores ligados diretamente à produção dos meios de vida. A extensão torna sua a missão de realizar essa troca de saberes, entre o saber popular e o saber acadêmico, definindo novas temáticas teóricas nascidas do confronto com a anti-realidade popular e a redescoberta da riqueza incomensurável de nosso povo e de seu meio ecossocial.

Para Boff, não poderá acontecer uma revolução de grande porte sem haver uma ligação orgânica entre aqueles que manejam o saber específico com os movimentos sociais emergentes. Compreender o aspecto pedagógico da extensão é abrir espaço para que mestres e alunos frequentem a escola viva do povo, permitindo que gente do povo possa entrar na Universidade igual a quem visita a casa de seus amigos e aliados.

Os movimentos sociais sentem a necessidade de um saber profissional. É onde o aspecto pedagógico da extensão pode e deve entrar, socializando o saber de seus profissionais, oferecendo encaminhamentos para soluções e abrindo às perspectivas insuspeitas por quem é condenado a lutar para sobreviver. Deveria haver este ir e vir fecundo entre o pensamento universitário e o saber popular para surgir um novo tipo de desenvolvimento adequado à cultura local e ao ecossistema regional. Cabe a este jeito diferente de ensinar na extensão reforçar e garantir o horizonte utópico de toda a sociedade. A extensão poderia constituir-se num laboratório onde esta alquimia social se reforçaria e se universalizaria, alimentando o horizonte utópico aberto de que ainda temos tempo e as condições para encontrarmos nosso caminho de realização na competência e sensibilidade solidárias.³

Ao tema dos caminhos que conduzem à competência e à sensibilidade



² Cf. Leonardo BOFF. “A função da universidade na construção da soberania nacional e da cidadania”. *Revista Cultura Vozes*, n. 2, março-abril, 1998, pp.49-68, p.65.

³ Para mais detalhes cfr. Hugo ASSMANN & Jung MO SUNG. *Competência e sensibilidade solidária. Educar para a esperança*. Petrópolis: Vozes, 2000.



solidária passa pela temática do desenvolvimento sustentável, que retira a dependência permanente e dá uma capacidade de produção com responsabilidade social, sustentável.

O desenvolvimento sustentável

O desenvolvimento sustentável é desafiado a construir o futuro pela educação, pois a educação é o fator capaz de potencializar o ser humano, comunicando valor a todas as demais coisas, criando a riqueza e o progresso. Cabe à pedagogia da extensão fazer com que o ser humano, potencializado pela educação, seja o elemento-chave do desenvolvimento.

Um jornalista escreveu que o verdadeiro significado da universidade é possibilitar o debate, a contestação. Ensinar desta forma nova é, sobretudo, “criar uma mentalidade de contestação do mundo à sua volta, é desfazer

verdades absolutas, que muitas vezes estão incrustadas nas mentes de alunos e professores”.⁴ Isso porque se acredita que uma universidade não é uma simples matriz de mão-de-obra qualificada para a sociedade, mas, sobretudo, um lugar de construir pessoas capazes de desenvolver-se integralmente para o crescimento da humanidade. Ora, este é exatamente o papel da extensão em uma universidade que sente desafiada pelo futuro. O professor Cristóvam Buarque afirma que nas universidades do futuro “o conhecimento pode ser adquirido em tempos muito mais curtos do que os tradicionais quatro a seis anos. (...) Os alunos passarão menos tempo dentro da universidade e jamais sairão dela”. O ensino passará necessariamente pela extensão, pelo engajamento e compromisso que os egressos terão nessa sociedade do futuro, que deverá ser marcada pela ética e pela espiritualidade. “Para enfrentar seu novo tempo, a universidade precisa redescobrir a ética como parte de sua preocupação constante. (...) A universidade terá que redescobrir um valor que estava na sua origem: o valor da espiritualidade. (...) O que hoje acontece no mundo é uma crescente necessidade de espiritualidade”.⁵

A educação ambiental será um dos pilares dessa nova formação realizada pela extensão, mesmo que “a universidade, em todos os cursos, ignore a ecologia, com exceção dos cursos específicos da área, que, mesmo assim, considerem a ecologia como um tema de estudos e não como uma nova maneira de pensar e sentir o mundo”.⁶

Estes são os novos paradigmas que vêm sendo construídos para a extensão universitária, novos caminhos que estão sendo percorridos em direção aos novos desafios de unir o aspecto pedagógico ao conceito de extensão.

Novos paradigmas

A proposta de novos paradigmas para a universidade (e, conseqüentemente, para a extensão) é sugerida

⁴ Cf. Carlos CHAGAS. O verdadeiro significado da universidade. (*Correio Braziliense*, quinta-feira, 15 de fevereiro de 2001).

⁵ Cf. Cristóvam BUARQUE. *A universidade ligada*. Brasília: UnB, 1999, p.63.

⁶ Cristóvam BUARQUE, *idem*.

por Michelangelo Giotto Santoro Trigueiro, para o qual “a universidade é instada a mudar processos, rotinas e estruturas e a ajustar-se a novas demandas e pressões cada vez mais fortes, por parte da sociedade”.⁷ Isso pode revolucionar a compreensão do que venha a ser extensão, do compromisso que as universidades têm com a sociedade, com a comunidade local, regional e global.

Os novos paradigmas levarão a questionar conceitos até então inquestionáveis, a levantar novas problemáticas e desafios. O novo de co-produção do conhecimento, aliando pesquisa e extensão em processo complexo, abrangendo vários atores, grupos e organizações sociais. Os critérios de qualidade acadêmica tradicionais já não poderão ser levados em conta, mas precisarão ser renovados.

Considerações finais

A sociedade clama às universidades para que desenvolvam programas de pesquisa voltados à solução de problemas sociais e econômicos, estimulando a formação de grupos e equipes de pesquisa interdisciplinares e interinstitucionais, que passarão pela educação realizada na extensão. A ela caberá também a produção de conhecimentos, deixando de ser uma dimensão menos pres-

tigiada internamente, que significava assistencialismo, filantropia ou algo menor.

O aspecto pedagógico da extensão será cada vez mais estimulado a enfrentar a realidade com competência e abertura aos desafios de levar às comunidades carentes um pouco daquilo que é feito intramuros. Os profissionais que finalizam sua formação estarão com capacidade de colocar em prática aquilo que aprenderam ao longo de formação nos bancos da universidade ou no contato com as programas e projetos de extensão. Será desta forma, uma excelente ocasião para reafirmar o aspecto pedagógico da extensão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSMANN, Hugo & MO SUNG, Jung. **Competência e sensibilidade solidária. Educar para a esperança**. Petrópolis: Vozes, 2000.

BOFF, Leonardo. A função da universidade na construção da soberania nacional e da cidadania. **Revista Cultura Vozes**, n. 2, março-abril, 1998, pp.49-68.

BUARQUE, Cristóvam. **A Universidade Ligada**. Brasília: UnB, 1999.

CHAGAS, Carlos. O verdadeiro significado da universidade in **Correio Braziliense**, quinta-feira, 15 de fevereiro de 2001.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996, 22. ed.

TRIGUEIRO, Michelangelo Giotto Santoro. **Universidades públicas: desafios e possibilidades no Brasil contemporâneo**. Brasília: UnB, 1999.

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE BRASÍLIA. **Projeto Pedagógico Institucional**. Brasília: Universa, 2000.



⁷, Cf. Michelangelo Giotto Santoro TRIGUEIRO. **Universidades públicas: desafios e possibilidades no Brasil contemporâneo**. Brasília: UnB, 1999, p.15.